




# ACESSIBILIDADE NA CIBERCULTURA: USOS DO AUDIOVISUAL COMO DISPOSITIVO DE INCLUSÃO DE SURDOS NA PANDEMIA

*ACCESSIBILITY IN CYBERCULTURE: AUDIOVISUAL USAGE AS A DEVICE OF DEAF INCLUSION DURING THE PANDEMIC*

 <https://orcid.org/0000-0002-7728-7711>, Rachel Capucho Colacique<sup>A</sup>  
 <https://orcid.org/0000-0003-3617-0506>, Leonardo Conceição Gonçalves<sup>B</sup>  
 <https://orcid.org/0000-0002-0647-6427>, Mirian Maia do Amaral<sup>C</sup>

<sup>A</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>B</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>C</sup> Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 15 ago. 2022 | Aceito em: 08 nov. 2022

Correspondência: Rachel Capucho Colacique (r.colacique@gmail.com)

## Resumo

O presente texto objetiva pensar ações, usos e exemplos de conteúdo audiovisual acessível para surdos. Compreendendo a cultura contemporânea como perpassada pelo universo da Cibercultura (LE MOS, 2003; LEVY, 1999; SANTOS, 2014), das redes sociais da internet, dos dispositivos e indivíduos hiperconectados (TAVARES, 2020), faz-se necessário garantir o acesso a todos. Nesse aspecto, é importante destacar que o ambiente cibercultural se constitui também como espaço de lutas e empoderamentos, em que se busca, cada vez mais, a garantia de acesso à internet como um direito humano básico. A pandemia do Coronavírus, que restringiu a circulação de pessoas, e fez com que os inúmeros eventos que antes aconteceriam de maneira presencial, passassem a ser realizados remotamente, acabou por contribuir favoravelmente à produção de conteúdos audiovisuais acessíveis. É nesse contexto que se desenvolve o levantamento documental aqui apresentado. Por meio de uma pesquisa documental descritiva na cibercultura, observou-se e buscou-se materiais audiovisuais com acessibilidade para surdos. Como resultado, destacamos que, embora não exista um modelo único e pré-definido que garanta efetivamente a acessibilidade, contribuem elementos como o tamanho da janela, a sinalização adequada ao perfil do público-alvo, a possibilidade de inclusão de intérpretes surdos e a possibilidade de planejamento prévio à execução (em oposição à inserção posterior da janela de tradução) permitindo assim uma integração maior com a cena ou layout desejado. Para demonstrar os resultados, foram elencados dados que procuraram evidenciar exemplos mais, ou menos, favoráveis no sentido de garantir acesso efetivo ao conteúdo apresentado.

**Palavras-chave:** Cibercultura; Acessibilidade; Surdez; Libras; Pandemia.

## Abstract

This text aims to discuss actions, uses and examples of audiovisual content accessible to the deaf. Understanding contemporary culture as permeated by the universe of Cyberculture (LE MOS, 2003; LEVY, 1999; SANTOS, 2014), internet social networks, devices and hyperconnected individuals (TAVARES, 2020), it is necessary to guarantee access to everyone. In this regard, it is important to highlight that the cybercultural environment is also a space for social struggles and empowerment, in which the guarantee of access to the internet is increasingly sought as a basic human right. The Coronavirus pandemic, which restricted the movement of people, and made the numerous events that would previously take place in person to be held remotely, ended up contributing favorably to the production of accessible



audiovisual content. It is in this context that the documentary survey presented here is developed. Audiovisual materials with accessibility for the deaf were observed and sought through a descriptive documentary research in cyberculture. As a result, we emphasize that, although there is no single, pre-defined model that effectively guarantees accessibility, elements such as the size of the window, adequate signage to the target audience profile, the possibility of including deaf interpreters and the possibility of planning prior to execution (as opposed to inserting the translation window later) thus allowing greater integration with the desired scene or layout. To demonstrate the results, there were listed data that sought to highlight more - or less - favorable examples of effective access to the presented content.

**Keywords:** Cyberculture; Accessibility; Deafness; Libras; Pandemic.

## Introdução

A imagem abaixo, disponível para visitação no museu virtual *Art Institute of Chicago*, é de Edward Hopper, respeitado artista realista conhecido pelo pioneirismo em pintar a experiência do isolamento humano no meio urbano. Em *Morning Sun* (Figura 1), a tonalidade das cores e a janela em horizonte, remete-nos à devaneios existenciais que não constituem mera coincidência. O cenário pintado pelo talentoso Hopper, evoca traços dos nossos cotidianos, que ficaram marcados pela crise sanitária mundial provocada pelo aparecimento de uma nova doença: a covid-19<sup>i</sup>.

**Figura 1** - Tela *Morning Sun*



**Fonte:** Disponível em: <https://www.mfa.org/edward-hopper>  
 Acesso em: 02 abr. 2022

Enquanto para alguns o desafio durante a prática do distanciamento físico social levava a reinventar formas de reencontrar amigos, frequentar shows musicais e manter a rotina de trabalho, para outros – como foi o caso dos autores dessa pesquisa – a meta também era escrever um artigo durante o tempo em que se higienizavam pacotes e embalagens com álcool, tentando escapar do contágio pelo novo coronavírus. Pandemia!

Apesar da pandemia, a situação de clausura forjou nos cotidianos as condições compatíveis com a tarefa de traçar um panorama geral sobre a temática da acessibilidade dos conteúdos audiovisuais para o público surdo, usuários da Língua Brasileira de Sinais – Libras, uma vez que fomos surpreendidos por uma explosão de acontecimentos relacionados à possibilidade de acesso à conteúdo cultural diverso para o público surdo. Dessa forma, conscientes das potencialidades advindas das invenções de táticas (CERTEAU, 2009) para garantir o acesso de pessoas surdas aos diversos produtos culturais que circulam nas redes da cibercultura, objetivamos neste artigo apresentar estratégias de acessibilidade audiovisual como dispositivos de inclusão de surdos, que possam contribuir para sua participação autônoma e efetiva em diferentes *espaçotempos* de aprendizagem.

### **Aportes epistemometodológicos**

Trata-se de uma pesquisa documental descritiva na cibercultura, que para produzir os dados, contou primeiramente com a realização da busca pelos descritores “Desenho em Libras” e “Canal Acessível”. Utilizamos o Google Busca, que é um serviço gratuito para fazer pesquisas na internet sobre qualquer tipo de assunto. Assim levantamos, por conveniência, o maior número possível de vídeos produzidos em torno dos termos citados anteriormente.

Em posse da sugestão de acervo dos vídeos localizados nas páginas da internet, escolhemos aqueles disponíveis na plataforma Youtube, com acesso público e irrestrito<sup>ii</sup>. Por fim, definimos o período da história que se pretendeu estudar compreendido entre o mês de janeiro do ano 2018 até o mês de dezembro de ano de 2021.

Enquanto assistíamos integralmente as produções audiovisuais e sistematizávamos tópicos comuns, compondo grupos potencialmente reagentes às análises, a partir da aglutinação dos dados produzidos, e os quais entendíamos como convergentes com o paradigma da complexidade (MORIN, 2000), exercitávamos um ‘rigor’ que considera a flexibilidade e a abertura, englobando contradições, diferenças, ambivalências e incompletudes acerca da acessibilidade na Cibercultura e dos usos do audiovisual como dispositivo de inclusão de surdos na pandemia.

Com efeito, bricolamos<sup>iii</sup> a pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2019) à multirreferencialidade (MACEDO, 2012), adotando ao investigar, um olhar plural voltado também para as práticas, fatos e fenômenos educativos, a partir de sistemas de referências distintos, e por fim, à abordagem da pesquisa com os Cotidianos (CERTEAU, 2013; ALVES, 2008; ANDRADE, CALDAS E ALVES, N., 2019), enfatizando as práticas e as narrativas que

emergem dos múltiplos ‘*espaçostempos*’ de criações, de re(invenções), experiências e subjetividades relacionados com os usos do audiovisual como dispositivo de inclusão.

### **A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte: estratégias de acessibilidade audiovisual**

Apesar de datada do ano de 2010, a pesquisa censitária realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), informou que aproximadamente 9 milhões de pessoas apresentavam percepção auditiva atípica no Brasil. Esse grupo, contudo, não é uniforme. São crianças e adolescentes, adultos e idosos com graus diferenciados da perda do sentido auditivo, desde a redução leve ou moderada na capacidade de ouvir sons em um ou ambos os ouvidos, até a perda total da audição.

Mas, impressionados ficamos todos nós, quando somos informados que a ampla maioria das pessoas surdas têm dificuldades para realizar suas atividades diárias como resultante da falta acessibilidade no entretenimento, no mercado de trabalho, no sistema educacional, dentre outros. Para todos esses casos, é possível evocar numeroso acervo legal que afirma a obrigatoriedade de garantir acessibilidade aos diversos conteúdos audiovisuais para os diferentes públicos.

Dentre os documentos nacionais destacamos a Lei de Acessibilidade (BRASIL, 2000), que traz luz aos conceitos de barreiras e acessibilidade; a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015) – conhecida também como Estatuto da Pessoa com Deficiência – que assegura os direitos à vida, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho e o direito à igualdade e não discriminação, mas também traz em seu escopo o direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer. Destaca-se ainda o Decreto 5.296 de 2 de dezembro de 2004 (BRASIL, 2004), que regulamenta as Leis 10.048/00 e 10.098/00, essas direcionadas a parametrizar os recursos de acessibilidade nas diferentes áreas. Especificamente o que diz respeito ao audiovisual destinado ao público surdo – objeto de investigação deste artigo – o documento afirma, no artigo 53, que as diversas mensagens e informações veiculadas nos espaços televisivos, deverão proporcionar a subtítuloção por meio de legenda oculta e a janela com intérprete de LIBRAS.

Cabe destacar, sobretudo, a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2008) e seu Protocolo Internacional Facultativo (BRASIL, 2009), os quais o Brasil subscreveu-se como nação signatária, reafirmando a garantia de acesso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis. Além desses

documentos gerais de acessibilidade, merece menção o Plano Nacional de Cultura (PNC) onde são estabelecidas metas e ações a fim de universalizar o acesso dos brasileiros à arte e à cultura (BRASIL, 2010).

Citamos também a Instrução Normativa 116, da Agência Nacional do Cinema, incluindo suas alterações de número 145 e 132, que apresentam normas gerais e critérios básicos de acessibilidade a serem observados por projetos audiovisuais (ANCINE, 2014). O documento ressalta a diferença entre legendagem, tradicionalmente disponíveis nas obras em idioma estrangeiro, e o recurso da legendagem descritiva, que é de fundamental importância e não deve ser confundido e/ou substituído pela janela de LIBRAS, uma vez que existe uma parcela significativa de pessoas com perda auditiva que não usuárias da Língua Brasileira de Sinais.

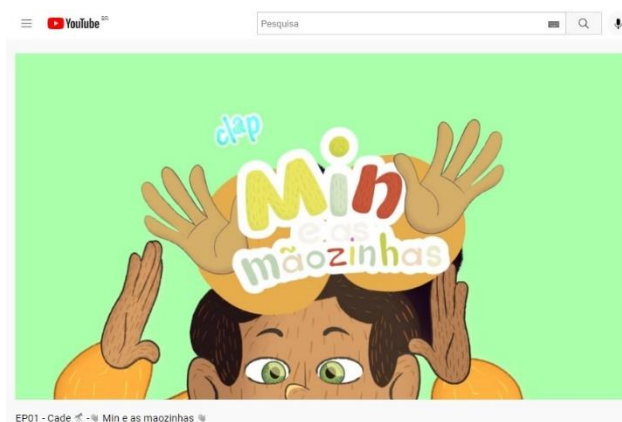
Por fim, e não menos importante, temos as normativas de acessibilidade no audiovisual orientadas na Norma Técnica Nº 15290<sup>iv</sup>, onde se estabelece os critérios de acessibilidade em comunicação na televisão. O documento traz os parâmetros a serem usados nas legendas – como tamanho, cor, fonte, alinhamento, tempo de exposição, dentre outros – e os parâmetros sobre as janelas de LIBRAS. Sobre as janelas, as recomendações estão separadas em quatro grupos, sendo: a) normativas referentes ao estúdio; b) normativas referente à janela; c) Recorte ou *wipe*; e d) requisitos para a interpretação e visualização da LIBRAS.

Para além das normativas apresentadas, os desafios nos cotidianos dão conta da necessidade de criação de um compromisso social que busque promover espaços, bens e produtos acessíveis, garantindo, dessa forma, direitos humanos básicos e fundamentais. As redes sociais da internet, nesse sentido, vêm demonstrando possibilidades de usos para além daquele contato pontual, superficial e indistinto. E, se por um lado ações positivas implicam postagens e milhares de compartilhamentos, gerando potência de aprendizados, por outro, do modo oposto, uma ação inadequada pode ocasionar Linchamentos Virtuais<sup>v</sup> e Cancelamentos Digitais<sup>vi</sup>.

É nesse contexto, ao mesmo tempo tão rico e tão desafiador, que o público surdo tem contato com as produções audiovisuais. Não é exagero dizer que, na maioria das vezes, as pessoas surdas acabam acessando e consumindo conteúdos não acessíveis a elas, seja por interesse pessoal ou mesmo pela pouca disponibilidade de conteúdo acessível ou adaptado. Nesse sentido, podemos destacar que apenas recentemente tivemos a criação de um desenho animado totalmente em LIBRAS.

A contação de histórias é uma prática muito comum na comunidade surda. Utilizando intensa expressão facial e corporal, juntamente com os sinais da LIBRAS, as narrativas surdas dão vida às muitas histórias presentes na literatura e no cotidiano de cada um (LEBEDEFF, 2004). Embora seja uma prática constante, nem sempre era possível encontrar registros audiovisuais desses conteúdos. Contudo, “Min e as mãozinhas”, criado por Paulo Henrique dos Santos no ano de 2019, configurou-se como conteúdo exclusivo voltado para crianças de três a seis anos. O canal tem mais de 25 mil inscritos e um de seus vídeos já foi visto por mais de 400 mil pessoas.

**Figura 2** – Episódio do desenho “Min e as mãozinhas”.



**Fonte:** Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo](https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo)  
 Acesso em: 12 ago. 2022

Em 2005, por exemplo, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), deu vida a uma série de histórias da literatura infantil adaptadas em LIBRAS para crianças. Inicialmente gravada em uma série de fitas VHS, a coleção era de difícil acesso do público em geral, estando disponível principalmente em escolas ou bibliotecas. Com a possibilidade de a coleção ser distribuída em DVD, o alcance melhorou um pouco mais. Contudo, foi apenas com as redes sociais da internet que a coleção pode registrar mais de 1 milhão de acessos em cada uma de suas histórias.

**Figura 3** – Episódio da contação de histórias produzida em Libras.





**Fonte:** Disponível em: <https://youtu.be/JuCVU9rGUa8>  
 Acesso em: 12 ago. 2022

Com uma narrativa toda construída em LIBRAS e legendas em Língua Portuguesa, as histórias são contadas por surdos adultos. Essa opção é bastante positiva para as crianças, já que a “janela do intérprete” tem algumas limitações. Outros vídeos da série tiveram ainda a narração em voz, o que permitia também às crianças ouvintes terem acesso ao conteúdo.

Um dos últimos vídeos da coleção, o episódio João e Maria, que já tinha uma versão com personagens filmados, ganhou também uma versão mais curta em animação 3D. Sobre essa série completa, Baldo e Bedin (2017, p. 14) trazem uma análise mais detalhada incluindo a caracterização do cenário (com seus efeitos especiais, mudanças de cenário, fenômenos da natureza representados por movimentos), dos personagens (envolvendo, por exemplo, narrador único, personagens representados por objetos, narrador adulto, duas modalidades de representação; e, personagens infantis) e a opção de mesclar animação com personagens humanos (o que pode facilitar na hora de incluir adequadamente os sinais).

**Figura 4** – Episódio da história “João e Maria” produzida em Libras.



**Fonte:** Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=5VKTfvOSIII](http://www.youtube.com/watch?v=5VKTfvOSIII)  
 Acesso em: 12 ago. 2022

É possível notar diferenças entre o material criado *com* surdos e *para* surdos, dos demais materiais audiovisuais que são apenas adaptados em sua versão final, com a inclusão do intérprete adulto, por exemplo. Não significa – e é importante que fique evidenciado – que a presença do intérprete adulto seja ruim. Conquanto seja possível notar uma identificação maior por parte das crianças quando o narrador é parte integrante da obra, e não alguém que foi adicionado ali no vídeo posteriormente.

Quando pensamos a figura do intérprete em obras audiovisuais acessíveis para o público infantil surdo, temos dois pontos principais que merecem destaque: a) tamanho do intérprete, o que inclui a problemática da posição na tela, por exemplo, e b) linguagem do intérprete, ou seja, a forma como ele irá se dirigir ao público infantil.

A animação da Turma da Mônica, por exemplo, ganhou vários episódios com audiodescrição e tradução para LIBRAS. Porém, é possível perceber a dificuldade de se estabelecer uma posição para a janela de sinalização, com a intérprete muitas vezes encobrindo a visão da cena. Ora, mas isso não é de todo ruim, porque quando consideramos a opção de um intérprete menor e no canto mais afastado da tela - como normalmente se usava há alguns anos, a alternativa acaba permitindo que a criança visualize o intérprete de maneira mais integrada à cena.

**Figura 5** – Episódio da Turma da Mônica com janela de intérprete de Libras.



**Fonte:** Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=DmoodpUu1vc](https://www.youtube.com/watch?v=DmoodpUu1vc)  
 Acesso em: 12 ago. 2022

Prolongando o assunto, evidenciamos os materiais criados com um intérprete em destaque na tela, onde se percebe a repercussão no desfrute da obra. A seguir, apresentamos duas imagens para exibir a diferença da centralidade do intérprete na tela.

**Figura 6** – (a) cena com janela de intérprete pequena e conflitando com a imagem ao fundo e (b) cena com janela de intérprete grande e em evidência na tela.





(a)



(b)

**Fonte:** (a) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TFPMGIX53Z0> Acesso em: 12 ago. 2022 e

(b) Disponível em: <http://tvines.org.br/?p=20680> Acesso em: 05 ago. 2020

Na figura de número 6 (a), ao contrário da figura 6 (b), percebemos dificuldade para localizar o intérprete, tanto por seu tamanho encolhido quanto pelo embaralhamento da imagem em meio a outros elementos da cena. Um dos internautas registrou sua dificuldade de visualização em meio a outros comentários que elogiavam a iniciativa do intérprete no programa, afirmando que não conseguia “ver direito a janela”<sup>vii</sup>. A partir das intervenções de muitos internautas e telespectadores surdos, podemos perceber comentários de caráter negativo com relação aos usos das pequenas janelas de intérpretes.

Embora haja recomendação sobre o tamanho mínimo da janela do intérprete<sup>viii</sup>, é preciso enfatizar, portanto, que não se trata de apontar um ou outro modelo como padrão ideal a ser seguido, mas de destacar a importância de uma avaliação individualizada, pensada de acordo com cada produto audiovisual. Desse modo, destacamos que não se trata apenas de incluir uma janela de intérprete, mas pensar formas de garantir que essa acessibilidade seja a melhor possível dentro das opções disponíveis.

O vídeo intitulado “7 apresentação intérpretes na janelas em libras faz igual modelos de 2017 a 3000” disponível no Youtube, apresenta algumas sugestões de layout onde a figura do intérprete recebe maior destaque, permitindo visualização adequada e compreensão acertada do conteúdo. Dentre as diferentes propostas, em comum se percebe a imagem do intérprete em destaque ampliado na tela, como na imagem exemplificada a seguir.

**Figura 7** – exemplo de tela com intérprete em evidência



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0CzoyrWJHhQ>  
Acesso em: 12 ago. 2022

Ainda que a imagem destacada acima esteja relacionada à um telejornal, acreditamos que a proposta de layout também pode ser aproveitada para diversos conteúdos, tanto para o público adulto quanto o público infantil, principalmente por esse segundo tratar de um grupo ainda em fase inicial de aquisição linguística, o que influencia diretamente na compreensão do conteúdo.

A seguir, apresentamos imagens relacionadas com a série “As chaves de Mardum” e a “Contação de Histórias”, disponíveis no Youtube pelo canal da TVINES com janela de intérprete em destaque e os vídeos do canal da youtuber Valentina Pontes, que também contam com a tradução em LIBRAS, e ilustram essas possibilidades de outras formas de organização do espaço em tela.

**Figura 8** – (a, b e c) exemplos de telas com intérprete em evidência



(a)



(b)



(c)

**Fonte:** (a) Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=PVP4mwoHghg](http://www.youtube.com/watch?v=PVP4mwoHghg)  
(b) Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=CpnNX1k2zQ](http://www.youtube.com/watch?v=CpnNX1k2zQ)  
(c) Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=O2ILPq9-S7U](http://www.youtube.com/watch?v=O2ILPq9-S7U)  
(a, b, c) Acesso em: 12 ago. 2022

Consideramos importante destacar ainda que a forma como o intérprete faz a sinalização da tradução também influencia na possibilidade de compreensão do conteúdo. Para chegar na compreensão desse ponto, queremos relembrar aqui algumas características da Língua Brasileira de Sinais. Primeiro: não se trata de língua universal. Portanto, assim como ela não é a mesma língua de sinais em todos os países, ela também envolve variações internas, equivalentes aos regionalismos da língua falada. Além disso, como toda língua, ela é vivenciada por seus falantes, assumindo aspectos culturais que influenciam na sua forma de expressão e compreensão. Pessoas de maior idade, por exemplo, possuem manifestações linguísticas diferentes daquelas mais jovens. Diferenças de classe social, nível de escolaridade, grupos de identificação como religião, profissão, dentre outros, todos esses aspectos estão presentes na língua e atravessam seus falantes/sinalizantes.

No caso das pessoas surdas, outro fator que influencia diretamente no nível de compreensão linguística é a época de aquisição da Língua de Sinais. Infelizmente ainda é muito comum encontrar famílias que retardam a procurar atendimento em LIBRAS para as crianças surdas. Em alguns casos por falta de acesso ou desconhecimento da importância da aquisição precoce da língua, em outros casos, pelo fato de a família ainda ter interesse numa tentativa exclusiva de oralização.

É importante ter clareza, então, que o público que terá acesso ao conteúdo audiovisual acessível em LIBRAS, poderá apresentar níveis muito diferenciados de domínio da língua sinalizada. Portanto, a forma do intérprete sinalizar uma tradução para o público infantil, por exemplo, não será a mesma de uma tradução em telejornal ou campanha política, pelo contrário, a linguagem utilizada deve ser adequada ao nível linguístico do público infantil.

Os materiais desenvolvidos pela Editora Arara azul, carregam alguns exemplos promissores de materiais didáticos acessíveis em LIBRAS<sup>ix</sup> seguindo as características gerais orientadas na Norma Técnica Nº 15290 e Instrução Normativa 116, da ANCINE, conforme

citadas anteriormente. No caso dos materiais textuais, eles contam com um ícone indicativo da acessibilidade que, ao clicar, o internauta é direcionado para uma tradução gravada em vídeo. Essa forma de tradução é uma alternativa mais eficiente que as traduções automáticas feitas por meio de avatar computadorizado.

A procura pela adequação dos vocabulários e expressões à sua correspondente em Língua Portuguesa, não é tarefa fácil. Dessa forma, é relevante que a equipe de tradução conte com profissionais com formação e perfil adequados à área de atuação. Enriquecedor mais ainda é poder contar com a presença de profissionais surdos na equipe de desenvolvimento de conteúdo e de acessibilidade. O profissional surdo poderá trazer contribuições significativas para o trabalho de tradução.

Sobredito, os episódios da série “De olho na ciência”<sup>x</sup>, da TV INES, apresentam como protagonista uma menina surda. Nesse caso, toda a sinalização é feita por ela e a tradução dos intérpretes fica para a versão da voz. Cabe destaque também, na mesma linha de protagonismo surdo, “O Diário de Bel” e “Baú do Tito”, ambos pela TV INES.

A visualidade tem papel fundante na formação cultural e identitária dos indivíduos surdos (LEBEDEFF, 2010), por isso os materiais audiovisuais necessitam da participação da própria pessoa surda durante a construção dos processos formativos, contribuindo não só com conteúdos pedagógicos nos espaços escolares, mas também nos momentos de lazer e entretenimento. Faz parte desse caráter educativo também os diversos elementos culturais como as histórias e fábulas, por exemplo.

### **Com que roupa eu vou pra *live* que você me convidou? A ampliação da acessibilidade em Libras durante a pandemia**

Dada a ausência de aquisição dos imunizantes ou tratamento adequado buscando a cura da doença, muitas autoridades brasileiras decretaram como alternativa de contenção ao alto poder de contágio do vírus, medidas de distanciamento comunitário. Assim, estávamos quase todos afastados do trânsito físico pela cidade, devido a complexa situação dos novos *espaçostempos* engendrados para o enfrentamento à pandemia.

Trabalhar à distância, assistir aulas on-line, comprar no comércio digital, constituir relacionamentos afetivos usando aplicativos de relacionamento, dentre outras ações do gênero, já aconteciam através das telas de smartphones nos últimos anos. Com o surgimento da covid-19, os usos para realização das atividades cotidianas foram potencializados. Segundo a Agência

Nacional de Telecomunicações - ANATEL, com a pandemia, o uso da internet no Brasil aumentou de 40% até 50%.

Por um lado, fundimos em caráter extraordinário os dispositivos digitais com ampla diversidade de linguagens e tecnologias audiovisuais, tudo em tempo real e com seus usuários colaborando entre si de maneira intensa, agitada e delirante. Por outro lado, evidenciaram-se agudamente uma série de percalços de acessibilidade para as pessoas surdas. Basta observar! Em um momento em que todo o planeta se voltava para a grave crise sanitária, os surdos ficaram sem as informações necessárias sobre como fariam para sobreviver em meio ao ataque viral.

Atentos às demandas da comunidade surda, surgiram iniciativas de divulgação de conteúdos em Libras, sobre a pandemia. Foi o caso, por exemplo, das produções do professor Tiago Batista, que divulgou em seu canal do Youtube, vídeos traduzindo os decretos publicados, informações sobre vacinas, sinais de palavras e vocabulário pertinentes ao contexto pandêmico, dentre outros.

**Figura 9** – Tradução de decretos para LIBRAS



**Fonte:** Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=C4tAaCdllxg](https://www.youtube.com/watch?v=C4tAaCdllxg)  
 Acesso em: 12 ago. 2022

Assim, um novo panorama foi observado: notamos que muitos membros da comunidade surda deixaram de se reunir físico-presencialmente para organizarem encontros remotos, se reunindo nas *lives*<sup>xi</sup>, que ao passar do tempo foram aumentando em quantidade. Ganha destaque, nesse sentido, a transmissão do show da artista Marília Mendonça que, com cerca de 3,5 milhões de internautas simultâneos na plataforma Youtube, quebrou recorde mundial de interatividade e virou exemplo de acessibilidade.

**Figura 10** – Live Marília Mendonça





Fonte: Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=c1ztZdjgv38](https://www.youtube.com/watch?v=c1ztZdjgv38)  
Acesso em: 12 ago. 2022

Marília Mendonça deu show de acessibilidade nas *lives*, que viraram um fenômeno da cibercultura durante a prática do distanciamento físico-social em decorrência da pandemia da Covid-19. Na sua primeira transmissão, realizada em 8 de abril de 2020, provavelmente a artista não imaginou que, além de fazer a alegria de mais de 3 milhões de espectadores em suas casas, chamaria atenção a presença dos intérpretes de LIBRAS.

Em 1981, ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Maria Bethânia, João Gilberto interpretou a canção “Cordeiro de Nanã”. Avaliamos que dificilmente algum outro grupo de renomados artistas da Música Popular Brasileira gravou com tanto apuro melódico cantos derivados da religião Candomblé. Hoje o áudio é tomado pela voz de Mateus Aleluia, já o vídeo, por uma mulher, Anne Magalhães, reagindo intensamente com seu corpo aos sons da música. Porém, não se trata apenas de uma performance coreográfica. A educadora interpreta àquela canção em Libras. No seu canal, a intérprete, interagiu com mais de 80 mil seguidores ao tornar músicas relacionadas às religiões de matriz africana, e demais melodias da cultura negra, acessíveis para a comunidade surda.

Figura 11 – página da intérprete Anne Magalhães





**Fonte:** Disponível em: [www.instagram.com/aannemagalhaes/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/aannemagalhaes/?hl=pt-br)  
 Acesso em: 12 ago. 2022

Na obra *O Mundo Pós-Pandemia*, o autor José Roberto de Castro Neves, esclarece que, geralmente, crises pandêmicas guardam similaridades. Assim sendo, é peculiar acontecer a exclusão de algumas populações dos grupos prioritários previstos nos planos de vacinação, tal como vimos no Brasil, ocasião em que o Ministério da saúde abdicou da imunização contra a covid-19 para alguns grupos populacionais (NEVES, 2020).

Por consequência, ativistas dos direitos dos Direitos Humanos, buscando o reconhecimento de todos, sem discriminação, dado que algumas localidades começaram a estabelecer hierarquia para acessar os recursos de saúde necessárias à manutenção da vida em face da nova doença, reivindicaram o cumprimento rigoroso das normas constitucionais e infraconstitucionais que garantem aos grupos vulneráveis e minoritários, acesso a direitos em situações de emergência humanitária. Para promover a cidadania de pessoas surdas LGBTQIA+ e a desconstrução das ideias equivocadas sobre esta população, a artista Pablo Vittar promoveu um grandioso evento através da *live* que celebrou o Dia do Orgulho LGBTQI+.

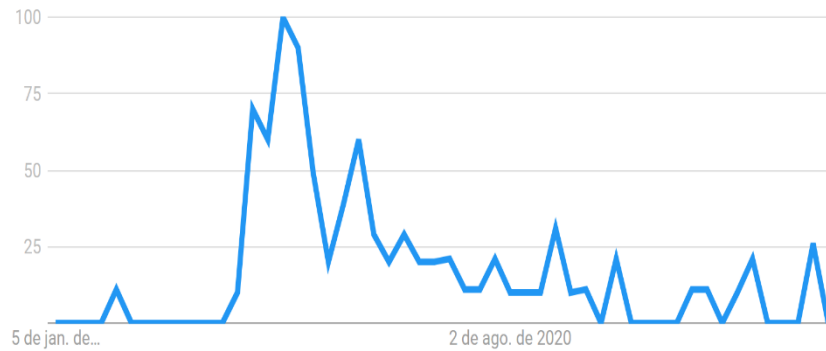
**Figura 12** – Live musical da PabloVittar



**Fonte:** Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=uT\\_09ich88Q&t=538s](https://www.youtube.com/watch?v=uT_09ich88Q&t=538s)  
 Acesso em: 12 ago. 2022

Dessa forma, usar as *lives* como ambiente convidativo à reflexão sobre a pluralidade de aspectos contidos nas produções culturais de comunidades surdas, lançando olhares para os bens culturais relacionados às línguas de sinais, sobretudo a LIBRAS, configurou uma das marcas centrais dos tempos de pandemia.

**Figura 13** – gráfico de interesse por *lives* ao longo do tempo



**Fonte:** Disponível em: [www.encurtador.com.br/fiuOT](http://www.encurtador.com.br/fiuOT)  
 Acesso em: 12 ago. 2022

O Google Trends demonstra como a circulação e produção de dados referentes às lives em dispositivos móveis ampliou conforme se avançavam as semanas do distanciamento físico-social, sobretudo as transmissões musicais, demonstrando que, assim como o ano de 2020 será lembrado pelo surgimento da Covid-19, igualmente será marcado pela popularização de mais esse fenômeno da cibercultura.

### Considerações finais

O que é uma “boa acessibilidade”? Talvez não haja uma resposta única para essa pergunta. Mas podemos encontrar algumas pistas por aí, como o caso das sessões de cinema voltadas para o público autista, onde a sala pode ficar com um volume mais baixo e luzes acesas, para que as crianças possam desfrutar dessa experiência cinematográfica com seus familiares.

Embora talvez não seja possível estabelecer um modelo único e pré-definido que garanta efetivamente a acessibilidade, pudemos perceber ao longo dos exemplos aqui trazidos que elementos como o tamanho da janela; a sinalização adequada do intérprete, de acordo com o perfil do público-alvo; a possibilidade de inclusão de intérpretes surdos na elaboração das traduções; e a possibilidade de planejamento acessível prévio à execução do projeto audiovisual – permitindo assim uma integração maior com a cena ou layout desejado – ao invés de inserir a janela de tradução, após o vídeo feito, o que limita em vários aspectos a qualidade da acessibilidade oferecida. Outro fator importante de destacar, que não apareceu nos vídeos aqui citados mas foi percebido ao longo da pesquisa feita, é que a utilização de intérpretes humanos – ao invés da utilização de animações 3D como são usadas algumas vezes – é muito mais bem

aceita pela comunidade surda ao pensar em acessibilidade. E, como cabe lembrar, não nos esqueçamos que não são todos os surdos que utilizam a Língua de Sinais, sendo ainda fundamental a manutenção da opção por legendas em língua portuguesa.

Colocar-se no lugar do outro, empatia, garantia de uma acessibilidade realmente adequada e não simplesmente para “cumprir regras”. Essa é a proposta da experiência de acessibilidade que engloba não apenas o “durante”, mas também o “pré” e o “pós” exibição. Uma experiência de valorização e reconhecimento que transcende a tela, transbordante, que enxerga a pessoa do outro em sua diferença, e procura oferecer a melhor qualidade possível em seus conteúdos, produtos e marcas.

Se não há uma definição pré-formatada do que seja uma boa acessibilidade, é possível perceber na sensibilidade da escuta do outro, na acolhida, no colocar-se no lugar do outro, ouvindo o que esse outro tem a dizer sobre a acessibilidade que ele espera.

Ao optar por essa acessibilidade integrativa, acolhedora, o produtor de audiovisual fará muito mais do que “cumprir a lei de acessibilidade”, ele deixará sua marca como contribuição cultural para uma geração cada vez mais inclusiva, um passo a mais nessa jornada desafiadora que é a tão sonhada sociedade inclusiva, que agrega diferentes dimensões culturais, sociais, afetivas, que valoriza a diferença. Falar de acessibilidade no audiovisual é, portanto, falar de possibilidades de transformação social, por meio da experiência cultural.

## Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês. B.; Alves, Nilda (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 15-38.
- ANCINE. Instrução Normativa 116. Brasil, 2014. Disponível em: <https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/legislacao/instrucoes-normativas-consolidadas/instru-o-normativa-n-116-de-18-de-dezembro-de-2014>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- ANDRADE, N.; CALDAS, A.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - 'após muitas conversas acerca deles'. In: Oliveira, I.; Peixoto, L.; Süsskind, M. L. (Orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019, p. 1945.
- BEDIN, Dhenifer; BALDO, Michele Foresti. *Os Clássicos da Literatura Infantil Contados em Língua Brasileira de Sinais*. 2017. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul (Uffs), Chapecó, 2017. Disponível em: <https://rd.uffrs.edu.br/bitstream/prefix/1518/1/BALDO%20e%20BEDIN.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com

mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2022

\_\_\_\_\_. Decreto n.º 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 dez. 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Decreto Legislativo n.º 186, de 9 de julho de 2008. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/CONGRESSO/DLG/DLG-186-2008.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/CONGRESSO/DLG/DLG-186-2008.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Decreto n.º 6.949, de 25 de agosto de 2009. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. LEI no. 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112343.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. as artes de fazer; 16ª Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEBEDEFF, T. B. “Práticas de letramento na pré-escola de surdos: reflexões sobre a importância de contar histórias.” In: THOMA, A. S.; LOPES, Maura Corcini. *A Invenção da Surdez*: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação*. Pelotas, FaE/PPGE/UFPel, v. 36. p. 175-195, maio/agosto 2010.

LEMONS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a época, in LEMONS, A. & CUNHA, P. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. Multirrefrencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (Orgs.). *Jacques Ardoino e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Morin, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NEVES, José Roberto de Castro. *O Mundo Pós-Pandemia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

SANTOS, E. *Pesquisa-formação da Cibercultura*. Santos Tirso, Portugal: whitebooks, 2014.

SANTOS, E. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

TAVARES, Mariane Beline. *O contemporâneo hiperconectado: realidade aumentada e seus usos nas redes sociais e nos videogames*. 2020. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo (Usp), São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-05032021-120846/publico/MarianeBelineTavares.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

---

<sup>i</sup> No final de 2019, surgiu uma doença até então desconhecida, nomeada como COVID-19. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a pandemia de Covid-19 como uma situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. O mundo presenciou, então, milhões de mortes causadas pelo SARS-CoV-2, o tipo de Coronavírus responsável pela Covi-19. Por um período, a quarentena foi indicada como modo de diminuir os danos causados e a propagação do vírus. Mais informações estão disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=O%20termo%20E2%80%9Cpandemia%E2%80%9D%20se%20refere,pa%C3%ADses%20e%20regi%C3%B5es%20do%20mundo>.

<sup>ii</sup> Pesquisas em páginas públicas na Internet que não requerem inscrição ou autorização do administrador para acesso ao conteúdo, sendo dispensada avaliação ética e o registro de consentimento (BRASIL, 2018).

<sup>iii</sup> Originária do termo *bricoleur*, cunhado por Lapassade (1998), a bricolagem consiste na arte de tecer, juntos, métodos, etnométodos, dispositivos e conhecimentos. Baseia-se no entendimento de que “a relação dos pesquisadores com os objetos de suas investigações é sempre complicada, volátil, imprevisível e, certamente, complexa. Essas condições descartam a prática de planejar antecipadamente as estratégias de pesquisa. Em lugar desse tipo de racionalização do processo, os *bricoleurs* ingressam no ato de pesquisa como negociadores metodológicos. Sempre respeitando as demandas da tarefa que tem pela frente [...]” (KINCHELOE; BERRY, 2007, p.17).

<sup>iv</sup> ABNT/NBR 15290, disponível em: <http://www.crea-sc.org.br/portal/arquivosSGC/NBR%2015290.pdf>

<sup>v</sup> A prática do linchamento virtual se configura como forma de justiça social praticada na internet e empregada quando os indivíduos acreditam que algum elemento da estrutura está em desacordo com a ordem moral convencional. A denúncia, julgamento e punição formam o tripé sobre o qual se constitui um linchamento virtual (FREITAS, 2017).

<sup>vi</sup> Ato de boicotar uma pessoa, isto é, negá-la e excluí-la da legitimação nas redes sociais, em resposta a uma atitude tomada por ela que tenha sido considerada errada (FREITAS, 2017).

<sup>vii</sup> Comentário disponível em: [www.youtube.com/watch?v=TFPMGIX53ZO](http://www.youtube.com/watch?v=TFPMGIX53ZO)

<sup>viii</sup> Ver normas em:

[www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/NBR15290.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/NBR15290.pdf)

<sup>ix</sup> Disponível em: [https://editora-arara-azul.com.br/site/catalogo\\_completo](https://editora-arara-azul.com.br/site/catalogo_completo)

<sup>x</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KWQ7bnBYh4E>

<sup>xi</sup> *Lives* são transmissões ao vivo de áudio e vídeo na internet, geralmente produzidas por meio das redes sociais e apresentam como cerne uma performance realizada por um artista ou banda.